

António de Sousa presidente da Associação Portuguesa de Bancos

## “Malparado vai aumentar”

Há quase quatro meses à frente da Associação Portuguesa de Bancos (APB), António de Sousa considera positivas as novas regras de transparência no crédito à habitação (entre as quais se destaca a criação da Taxa Anual Efectiva Revista e a limitação das comissões de amortização dos créditos). Mas diz que não foram suficientemente discutidas com o sector.

**Esta APB liderada por si vai ser diferente da de João Salgueiro?**

As instituições têm que ter continuidade. Os tempos vão mudando e há alguns aspectos que temos de adaptar à realidade. Queremos divulgar o que são as instituições financeiras, como contribuem para a economia, o que fazem. O papel dos intermediários financeiros é muitas vezes mal entendido.

**Esse maior conhecimento da banca é agora mais necessário por ter sido o sector que deu origem à crise?**

Efectivamente houve uma culpabilização dos mercados financeiros e da banca em geral. Os bancos portugueses passaram um pouco ao lado da crise o que mostra a qualidade da gestão de risco.

**A associação vai assumir uma postura de auto-regulação da banca?**

Em Portugal essa auto-regulação tem já uma tradição no sector. A APB pode ser uma parte disso mas não será determinante nessa evolução.

**Vão tentar um consenso em torno da introdução de taxas pela utilização do Multibanco?**

Essa é uma questão comercial, que depende de cada banco. A APB não pode nem deve ter uma posição sobre esse assunto. De outra forma poderia haver acusações de concertação.

**Quando esteve na CGD foi contra as taxas no Multibanco.**

Fui. Há sete, oito anos.

**O que se diz foi que o assunto não avançou porque a CGD enquanto maior banco se opôs.**

Talvez seja demasiado excessivo dizer isso. Nessa altura a Caixa estava a fazer um grande esforço para que as pessoas utilizassem mais o Multibanco.

**Há uma nova frente de batalha entre o Governo e a banca em torno das novas regras sobre o crédito que entram em vigor.**

Essa questão foi empolada. A APB e os bancos estão de acordo com essas regras mas consideram que não houve tempo para amadurecer o seu impacto. Os bancos não querem que o cliente se sinta enganado, mas algumas vezes a proliferação legislativa nem sempre responde aos problemas. São regras bastante positivas, mas foram discutidas em dois ou três dias e do ponto de vista técnico podiam ter sido melhoradas.

**São medidas necessárias?**

São. Deve-se ter cuidado para não criar rigidez excessiva e é importante separar o que é relevante do que é acessório. Se tivermos legislações que obrigam as pessoas a informar-se demasiado sobre os assuntos, é a melhor forma de as pessoas não o fazerem.

**É oportuno exigir que os rácios de solvabilidade aumentem?**

Era de esperar, o assunto já estava a ser estudado há algum tempo.

**Esta medida deve ser imposta?**

Penso que sim. Mas deve ser calendarizada pois o mercado acionista pode não estar receptivo a grandes operações de recapitalização. É preciso ter cuidado com os excessos porque a economia está com uma retoma ainda frágil e incerta, nem todos os problemas estão ultrapassados.

**O que pensa da polémica em torno das empresas de notação de risco (rating)?**

O desejável é haver alguma regulação. Estas empresas não têm qualquer tipo de regulação ou de análise de qualidade do seu trabalho.

**A recente revisão em baixa das notações dos bancos portugueses foi injusta?**

Foi. É claramente um exemplo de uma posição conservadora. As empresas de rating estão a jogar à defesa. Como falharam sistematicamente, agora exageram.

**A banca já não está em crise?**

A banca irá continuar a ter um aumento do crédito malparado que felizmente tem estado a níveis razoáveis. Não são níveis excessivos para uma recessão como esta.

**O malparado vai afectar a rentabilidade dos bancos?**

Sim, mas a banca tem sabido fazer as provisões adequadas. E a asfixia financeira diminuiu substancialmente face a 2008. A situação está muito mais normalizada.

**A retração do consumo pode também vir a afectar o sector?**

Esse efeito vai manter-se com certeza, embora se verifique já alguma recuperação. Provavelmente vão verificar-se algumas mudanças estruturais nos padrões de consumo. É muito natural que o prazo médio para a troca de automóvel aumente, por exemplo.

**A banca está então a resistir à crise?**

O sector está muito bem preparado para a situação actual. Há um problema que pode acontecer no médio prazo, que é a rentabilidade descer a níveis que tornem a banca desinteressante para os investidores. Esse é o maior risco

que pode acontecer ao sistema bancário, não só a nível nacional como também internacional.

**Quando comparado com outros países, Portugal não teve grandes problemas no sistema financeiro, mas ainda assim houve os casos BCP, BPN e BPP...**

Fomos dos poucos países em que nenhum banco comercial foi afectado a sério pela situação financeira. E nesses três casos, o BPP é o único que tem mais que ver com a crise.

ISABEL VICENTE e PEDRO LIMA  
vicente@expresso.imprensa.pt



António de Sousa afirma que a asfixia financeira da banca diminuiu substancialmente face a 2008 FOTO ALBERTO FRIAS

## “Não quero ser presidente do BCP”

**A sua nomeação para a APB foi ou não foi consensual? Mira Amaral, presidente do Banco BIC Português, chegou a afirmar, por exemplo, que o senhor não era prestigiado nem consensual...**

Não quero entrar em polémicas. Fui convidado pelos cinco maiores bancos e correu tudo normalmente.

**O que tem a dizer do facto de o ex-presidente do BCP, Filipe Pinhal, ter dado a entender que teve intervenção na crise interna do banco?**

Isso não tem qualquer fundamento. Nunca estive sequer muito relacionado com o assunto. E nunca li nenhum comentário de Filipe Pinhal a afirmar que eu tive alguma coisa a ver com o assunto. O que li foram comentários de jornalistas dizendo que eventualmente ele se referia a mim.

**A ideia de que enquanto esteve na JP Morgan apoiou uma das partes do conflito interno do BCP não é nova...**

A JP Morgan foi consultora do BCP e de quase todos os grandes bancos portugueses. Foi e é.

**Rejeita a ideia de que tem a ambição de querer chegar à presidência do BCP?**

Totalmente. Aliás já há bastante tempo disse que não queria ter lugares executivos permanentes. Aqui na APB tenho funções executivas mas que têm um cariz completamente diferente da vida diária de um banco comercial de grande dimensão.

**Deixou de ter ligações à JP Morgan?**

Sim. Desde que vim para a APB.

**E com outras instituições financeiras? Mantém-se na ECS?**

Ai mantenho-me. Não foi levantada qualquer objecção. Mantenho essa actividade pois é uma sociedade de *private equity*. São actividades diferentes. Alguns bancos são investidores da ECS.

**Quando estava no Banco de Portugal considerou que não se deveria dar autorização para a constituição do BPP. Porquê?**

O BPP tinha claramente um modelo de sociedade gestora de património, pelo que não deveria ser banco por causa disso. Nós falámos com os promotores do projecto e dissemos que não devia ser banco, mas eles achavam que devia ser, cumpriram as formalidades legais. No entanto, a liberdade de estabelecimento é a regra base.

**Não poderiam ter alertado para o problema que podia advir daí?**

É preciso ver que o banco funcionou durante dez anos sem qualquer problema. Na prática, o seu grande problema foi um produto específico que o banco vendeu, numa determinada altura, e que correu mal.



António de Sousa,  
da APB, concorda com  
novas regras do crédito **P10**